

PRODUTIVIDADE DO SETOR FLORESTAL BRASILEIRO



Rosa Maria Miranda Armond CARVALHO

Universidade Federal de Viçosa

Thelma Shirlen SOARES

Universidade Federal de Viçosa

Sebastião Renato VALVERDE

Universidade Federal de Viçosa

RESUMO

Ao se examinar diferentes estudos do setor florestal brasileiro pode-se observar sua importância para o país. O objetivo deste estudo foi descrever, de forma sucinta, os principais aspectos relacionados à produtividade do setor florestal brasileiro em suas diversas fases.

Palavras-chave: economia florestal, cadeia produtiva.

SUMMARY

To examining different studies of the Brazilian forest sector can be observed its importance for the country. The objective of this study was to describe, of form succinct, the main aspects related to the productivity of the Brazilian forest sector in its diverse phases.

Key-words: forest economy, productive chain.

1. INTRODUÇÃO

Ao refletir sobre a produtividade do setor florestal brasileiro, Siqueira (2002) comenta que o comércio internacional de produtos florestais tem crescido em média 2% ao ano. Em 1990, o setor realizou negócios de US\$ 210 bilhões enquanto em 2000 o valor foi de US\$ 290 bilhões, sendo que a participação brasileira esteve ao redor de 1,5% o que, segundo o autor, é um resultado pífio.

De fato, tendo em vista o conceito clássico de produtividade (*outputs* divididos por *inputs*) pode-se questionar a produtividade do setor florestal brasileiro. Entretanto ao se considerar sua amplitude e os diferentes sub-setores que nele se incluem torna-se necessário um exame mais aprofundado que possibilite conclusões mais detalhadas.

2. ASPECTOS DA PRODUTIVIDADE DO SETOR FLORESTAL

2.1. As Florestas: produção de matéria prima

As florestas brasileiras ocupam uma posição de destaque no contexto mundial. O Brasil possui aproximadamente 65% (551 milhões de ha) do seu território coberto por florestas nativas, representando 59,8% das florestas da América do Sul tropical e 26,6% do total das florestas tropicais do mundo.

A Amazônia representa um terço das florestas tropicais do mundo. A região abriga as maiores reservas de produtos madeireiros (60 bilhões de m³ em tora), e a produção atual de madeira representa cerca de US\$ 2,5 bilhões/ano (Abimóvel, 2003).

Diante de tais números fica clara a riqueza de possibilidades e o potencial brasileiro, entretanto

existem muitos questionamentos quanto ao aproveitamento racional desses recursos.

Segundo Siqueira (2002) o Brasil possui mais de 470 milhões de hectares de florestas nativas que poderiam ser utilizadas através das técnicas de manejo florestal em regime de rendimento sustentado para a geração de bens e benefícios à nação.

Ainda segundo o autor, somente a área de florestas existente na Amazônia é capaz, em regime de manejo sustentado, de possibilitar a ampliação da participação do setor florestal dos atuais 4,5% do PIB para mais de 7%, o que equivaleria a um valor anual de receita superior a US\$ 43 bilhões.

Quanto as florestas plantadas (povoamentos de pinus e eucalipto) as características edafo-climáticas brasileiras, possibilitam uma intensa atividade biológica, resultando em altas taxas de produtividade.

Segundo dados do Ipef (2003), as plantações de eucalipto no Brasil estão entre os ecossistemas mais produtivos no mundo, cobrindo milhões de hectares e produzindo em média 45 m³/ha/ano de madeira. Já as plantações de pinus produzem, atualmente, 30 m³/ha/ano.

Vários anos de pesquisas florestais envolvendo universidades, instituições de pesquisa e empresas, além de grande soma de recursos financeiros, permitiram ao Brasil deter boas condições tecnológicas para florestas plantadas. Obtêm-se altas produtividades por meio do melhoramento genético e de práticas silviculturais adequadas, bem como com o manejo (Remade, 2003).

Entretanto, apesar da comprovada produtividade brasileira, o país está começando a deixar a condição de auto-suficiência em madeira para se tornar importador do insumo. Segundo Moraes (2003), o motivo é que a demanda, estimada em 400 mil ha/ano, estar acima do volume plantado que não ultrapassa 200 mil ha/ano.

Ainda segundo o mesmo autor, tal fato pode gerar pressão sobre as florestas nativas, elevar os custos das empresas brasileiras e deixar o país fora dos planos de novos investimentos das indústrias de base florestal.

Segundo Battistella (2003), a não ser que ocorram, em curto prazo, mudanças e redirecionamentos na política florestal, o Brasil perderá a possibilidade de utilizar o potencial representado pela floresta tropical, aliado a alta possibilidade das florestas plantadas, para dar suporte ao processo de desenvolvimento sustentado, necessário à melhoria das condições de vida das populações que ocupam essas áreas tropicais e do país como um todo.

2.2. A Industrialização

2.2.1. Cadeia produtiva da madeira industrial

A indústria brasileira de celulose e papel, nos últimos anos realizou, um trabalho de racionalização, conseguindo alcançar ganhos de produtividade. Nas últimas três décadas, aumentou a produção a cada ano, em média, em mais de 7% para celulose e acima de 6% para papel; e continua a avançar nos campos da tecnologia e dos cuidados ambientais, que asseguram a qualidade de classe mundial de seus produtos (Bracelpa, 2003a).

Ainda, segundo a entidade, as exportações, que eram de pouco mais de US\$ 1 bilhão no início da década de 90, ampliaram-se até agora em mais de 100%, alcançando em 2002 US\$ 2,1 bilhões e gerando um saldo comercial positivo de US\$ 1,5 bilhão para o país. Em 2003 a meta é exportar US\$ 3,1 bilhões, com previsão de saldo em divisas de US\$ 2,5 bilhões.

Nos últimos dez anos, as indústrias aplicaram US\$ 12 bilhões na ampliação de sua capacidade. Esses investimentos, que deverão manter seu nível histórico durante essa década, são indispensáveis também para que a indústria preserve e melhore as posições do Brasil de 7^o produtor de celulose de todos os tipos e 11^o fabricante de papel do mundo (Bracelpa, 2003 b).

Quanto a indústria de painéis de madeira reconstituída sabe-se que com as restrições ambientais e o encarecimento da madeira maciça, o mercado de produtos de madeira reconstituída tendem a expandir-se cada vez mais, pois têm a vantagem da matéria-prima ser oriunda de resíduos de serraria, plantios e manejos silviculturais (Remade, 2003).

No Brasil, essa indústria é conhecida por sua alta produtividade com elevados índices de automatização, empregando a madeira da melhor e mais eficiente forma possível, restringindo ao máximo o desperdício, procurando atingir melhor qualidade com menores custos.

2.2.2. Cadeia produtiva do processamento mecânico

Segundo Pinto et al. (2003), a força produtiva do parque industrial brasileiro do Processamento Mecânico é formado por praticamente 99% de empresas de pequeno porte, grande parte com equipamentos obsoletos resultando em baixa produtividade.

Entretanto, a disputa por novos mercados tem obrigado as indústrias madeireiras nacionais a avançarem na busca de novas tecnologias, bem como no desenvolvimento de novos conceitos produtivos, visando a melhorar sua competitividade através do aumento da produtividade e da qualidade de suas atividades e produtos.

As pequenas unidades de processamento primário (serrarias) e processamento secundário (beneficiamento), caracterizadas pelo baixo aproveitamento da matéria-prima e intensa utilização de mão-de-obra, estão gradualmente perdendo espaço para modernas indústrias, onde são aplicados recursos tecnológicos mais avançados.

Diversos projetos foram realizados nos últimos anos, de forma a introduzir e adaptar novas tecnologias em unidades industriais existentes (reestruturação), como também no desenvolvimento de projetos de engenharia para implantação de novas unidades industriais.

2.2.3. Cadeia produtiva de madeira para energia

Na cadeia produtiva de madeira para energia ainda existem muitas incertezas e questões mal resolvidas que dão margem a muitas dúvidas face às dificuldades para explicá-las.

Ao se comparar a cadeia produtiva madeira industrial com a de madeira para energia pode-se perceber que elas se encontram em situação oposta.

Enquanto a primeira é constituída por empresas de grande porte, devidamente estruturadas, com forte presença de conceitos organizacionais, empresariais e tecnológicos, na segunda percebe-se a baixa produtividade, a eventual presença de exploração predatória, a ausência de definições políticas e estratégicas bem como de dados detalhados e precisos.

Entretanto, vale ressaltar que existem indicadores de mudanças positivas, como a substituição do carvão vegetal de origem nativa por plantada.

Vale também lembrar a contribuição de algumas empresas, dos institutos de pesquisa e das universidades que através de sua atuação objetivam, aliar a preservação a produção de carvão de boa qualidade a custos convenientes.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O cenário atual do setor florestal brasileiro ainda possui resquícios da exploração predatória das florestas naturais e da falta de uma política de exploração via manejo sustentado.

Ao examinar a produtividade do setor florestal brasileiro, em suas diversas fases, pode-se afirmar que esta não se constitui em seu principal problema e sim, entre outros aspectos, a baixa agregação de valor aos produtos florestais.

Segundo Rezende et al. (2002), 53% no total de madeira produzida no Brasil é destinada a lenha e carvão (baixo valor agregado) e 1,53 bilhões de m³ são destinados a transformação industrial. Destes 60%, vão para o processamento mecânico, 27% para papel e celulose 13% para a fabricação de painéis reconstituídos.

De fato, no Brasil, apesar do notável desenvolvimento do setor florestal brasileiro, que, em parte conseguiu inverter o caminho da simples exploração extrativista e instalou um dinâmico parque industrial (gerador de empregos e de renda, inteiramente apoiado em florestas plantadas) ainda prevalece uma baixa agregação de valor ao produto florestal.

O Brasil está entre os maiores produtores mundiais de produtos florestais, entretanto no ramo das exportações sua posição não é tão destacada. Sendo assim, fica claro que ainda existe um longo caminho a se trilhar para que o Brasil se torne um *player* no mercado global, ou seja, para alcançar uma posição de destaque mundialmente não basta a nenhum país possuir vantagens comparativas o fundamental é saber aproveitá-las tendo em vista a competitividade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABIMÓVEL - ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DAS INDÚSTRIAS DO MOBILIÁRIO **Panorama do setor moveleiro no Brasil** Disponível em:
<http://www.abimovel.org.br/panorama/estruturas/panorama_estrutura_1_1.htm>. Acesso em: 15 setembro 2003.

BATTISTELLA, O. **Comissão caminha para o reconhecimento internacional**. Disponível em:

<<http://www.revistareferencia.com.br/ver.asp?pg=&cod=47>>. Acesso em: 15 setembro 2003.

BRACELPA - ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PAPEL E CELULOSE. **Números do setor**. Disponível em: <<http://www.bracelpa.org.br/>> Acesso em: 15 setembro 2003 a.

BRACELPA - ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PAPEL E CELULOSE. **Setor de celulose e papel**. Disponível em: <http://www.bracelpa.org.br/informes_anuais/panorama_economico.htm> Acesso em: 15 setembro 2003 b.

IPEF - INSTITUTO DE PESQUISAS E ESTUDOS FLORESTAIS **Ciência e tecnologia no setor florestal brasileiro: diagnóstico, prioridades e modelo de financiamento**. Disponível em: <http://www.ipef.br/mct/MCT_02.htm> Acesso em: 16 setembro 2003.

MORAES, M. Brasil sofre com a falta de madeira: plantio de florestas renováveis é inferior a 50% da demanda e país já começa a importar madeira. **O Tempo**, Belo Horizonte, 28 set. 2003. Caderno de Economia, p E3.

PINTO, J. A; TORQUATO, L. P.; DOBNER J. M. **Análise do mercado de madeira serrada de pinus spp. no Brasil**. Disponível em: <<http://www.floresta.ufpr.br/online/e1.htm>> Acesso em: 16 setembro 2003.

REMADE - REVISTA DA MADEIRA **Síntese**. Disponível em: <<http://www.remade.com.br/ed64mais17.asp>> Acesso em: 15 setembro 2003.

REZENDE, J. L.; COELHO JUNIOR, M. L.; OLIVEIRA, A. D. A economia florestal mineira vis-à-vis economia florestal brasileira In: SEMINÁRIO SÓLIDOS DE EUCALIPTO: AVANÇOS CIENTÍFICOS E TECNOLÓGICOS, Lavras, 2002. **Anais....** Lavras: UFLA, 2002. p. 1-29.

SIQUEIRA, J. D. P **A administração das florestas**. Disponível em: <http://www.abimci.com.br/port/04Not/04FrameNot.html?Principal=04_020723AdmFlor.html> Acesso em: 15 setembro 2003.
